



A DIÁSPORA NA LITERATURA CATARINENSE: RESISTÊNCIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS NARRATIVAS DE URDA A. KLUEGER

Juliene da Silva Marques*

Resumo: O presente artigo aborda a importância da memória e da identidade na construção narrativa da obra histórico-fictícia “No tempo das tangerinas”, da autora catarinense Urda Alice Klueger. Na trajetória dessa obra, a força desterritorializadora do Estado-nação constrói afiliações e identificações, conduzindo à assimilação obrigatória da cultura brasileira. Perscrutar-se-á os aspectos memoriais descritos na diegese, como também serão analisados os processos de identificação induzidos pelo contexto guerrilheiro imposto no Brasil. Para tanto, esquadrihar-se-ão teorias bibliográficas que investigam a temática no universo cultural, assim como o romance “Verde Vale”, de Klueger, procurando verificar o assujeitamento¹ do indivíduo enquanto ser social. Dessa forma, este estudo pretende deslindar a construção diegética da literatura catarinense através da memória cultural diaspórica.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Literatura Catarinense.

Resumen: Este artículo discute la importancia de la memoria y la identidad en la construcción narrativa de la obra histórica y ficticia “No tempo das tangerinas” de la autora catarinense Urda Alice Klueger. En el curso de esta obra la fuerza desterritorializadora del Estado-nación produce afiliaciones e identificaciones, lo que lleva a la asimilación forzosa de la cultura brasileña. Serán investigados los aspectos memoriales descritos en la narración, así como se analizará los procesos de identificación inducidos por el contexto de guerrilla impuesto en Brasil. Para ello, serán exploradas las teorías bibliográficas que investigan el tema en el universo cultural, así como el romance Verde Vale, de Klueger, tratando de verificar la sujeción del individuo como ser social. Por lo tanto, este estudio tiene como objetivo analizar la construcción narrativa de la literatura catarinense a través de la memoria cultural diaspórica.

Palabras clave: Memoria. Identidad. Literatura catarinense.

* Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.
Mestranda em Ciências da Linguagem pela UNISUL.
Bolsista FAPESC.
E-mail: juliene.marques@hotmail.com

¹ Termo derivado do francês “assujettissement”, usado por Foucault ao apresentar a condição do indivíduo sujeito a algo ou a alguém.



1. Introdução

A investigação sobre a memória na literatura constitui uma base contundente para os estudos culturais. Ao analisar personagens diegéticas, parte-se do princípio da arte como imitação da vida. Dessa forma, para esquadrihar a representação do homem como ser social, é necessário investigar a constituição do indivíduo por meio das influências coletivas que o cercam. Nesse sentido, constata-se que a memória e a identidade estão expostas e serão modificadas conforme o contexto estatal, de uma forma verossímil ou inverossímil. (HALL, 2006; LE GOFF, 1996).

Memórias individuais e coletivas são delineadas por meio de moldes estatais, que se adequam de acordo com as necessidades políticas vigentes. Os indivíduos estão constantemente assujeitados à manipulação governamental. O romance “No tempo das tangerinas”, de Urda Alice Klueger, dá visibilidade para essas abordagens, uma vez que no contexto contemplado as personagens não tem opção de ação, somente a aceitação do que imposto pela Nação brasileira.

A individualidade psicológica é um constante alvo das instituições governamentais para a produção de uma identificação nacional, pois assim transformam a massa em uma singularidade acrítica. O assujeitamento social será o processo pelo qual poderão ser realizadas manutenções na memória coletiva. Contudo, percebe-se na narrativa do romance examinado uma resistência à reforma da identidade nacional imposta pelo contexto de guerra. A partir desta perspectiva, a obra de Klueger será analisada com o intuito de examinar o estabelecimento dessa construção social nacional como formadora do cidadão subordinado ao governo.

2. A narrativa histórico-fictícia de Klueger

A autora Urda Alice Klueger retrata em sua obra a memória catarinense sob a perspectiva da imigração. Através dos romances “Verde Vale” (1987) e “No tempo das tangerinas” (2003), pode-se observar a história da família *Sonne*, representantes dos imigrantes alemães do final do século XIX. A imigração da família é narrada na primeira obra citada e, posteriormente, na narrativa sequente, é apresentado o contexto dos alemães em Santa Catarina na época da Segunda Guerra Mundial. A saga é

ambientalizada na cidade de Blumenau-SC, e narra a estória do patriarca *Humberto Sonne* e de seus descendentes.

Desde o princípio percebe-se o aspecto memorial presente nas linhas romanescas, fazendo com que o destaque da identidade dos imigrantes se torne ponto chave nas citadas diegeses, característica constante na Literatura Catarinense. Neste sentido, é importante destacar que, segundo Benjamin (2012), o que mais qualifica uma narrativa escrita é a sua proximidade com as histórias orais, por denotar a experiência do povo. A partir disso, reconhece-se o trabalho de Klueger como um patrimônio cultural material e imaterial do povo catarinense, já que, além dos registros físicos por meio da publicação, as narrativas puderam ser repassadas e conhecidas por um maior número de pessoas, o que propaga a história e a memória da região.

De acordo com as palavras de Sachet (1992, p. 171), “a literatura que fazemos, é aquela que os catarinenses precisam fazer, tem que ser vista e respeitada como um patrimônio de nossas terras e de nossas gentes, onde o que importa não é a Arte da Estética mas a Praxis da Cultura”. O autor ainda teoriza as narrativas catarinenses de cultura alemã: “É uma literatura na qual o emigrado vive um conflito entre a saudade-da-raiz e a esperança-do-novo-fruto. Uma literatura de duas faces, em que o verso e o reverso se somam e se completam”. (SACHET, 2012, p. 343).

O romance “Verde Vale” apresenta a necessidade de imigração presente na Alemanha do final do século XIX. Expulsos pelas dificuldades econômicas do país, os *Sonne* estabelecem moradia nas terras catarinenses com a esperança de um novo recomeço. Contudo, no segundo romance da saga, “No tempo das tangerinas”, são narrados fatos históricos do século XX, que abordam o contexto guerrilheiro e as dificuldades dos imigrantes alemães no solo brasileiro. A partir dessa perspectiva é que se observa a tentativa do Estado-nação para fazer com que os imigrantes anulassem as lembranças da terra natal, sem considerar que, segundo Wehling e Wehling (2003, p. 13) “A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade”. E a identidade dos *Sonne*, a princípio, era completamente alemã.

A família *Sonne*, durante a obra “No tempo das tangerinas”, se reunia diariamente para ouvir a rádio Alemã, para assim acompanhar as notícias do país de origem. Desta maneira, foram informados que a qualquer momento uma nova guerra poderia acontecer, e que o patriotismo era ponto crucial para os alemães naquele



momento. A personagem *Lucy Sonne*, matriarca da família, desejava que o novo confronto acontecesse e torcia para que a Alemanha fosse vitoriosa. Afinal, naquele momento, acreditava Lucy, possuíam *Adolph Hitler* e somente haviam perdido a guerra em 1918, por não haver um homem como ele para comandar e defender o país. (KLUEGER, 2003). Essa abordagem revela a identidade nacional presente no ambiente da família *Sonne*, pois mesmo com descendentes nascidos em solo brasileiro, a terra natal gritava para algumas personagens. De acordo com Hall (1999, p. 48) “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação”. Portanto, o discurso da mãe, *Lucy*, mantinha a família no seio alemão. Já que ainda segundo Hall (1999, p. 13) “Uma cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. O avô *Julius* sempre falava “uma guerra nunca presta”, e o pai, *Humberto Julius*, ficava apreensivo com a ideia de um novo conflito, já que fora testemunha da guerra anterior:

Eu me lembro bem do que aconteceu na última guerra. Eu era garoto ainda e a nossa escola foi fechada só porque não ensinava português. O alemão foi proibido, as pessoas evitavam falar qualquer coisa, a não ser que fosse em casa, com medo de serem presas. Você vai ver o que acontecerá se a guerra que você tanto espera vier: vão proibir o alemão de novo. (KLUEGER, 2003, p. 16).

Blumenau era como uma extensão da Alemanha, lá todos falavam alemão com exceção de alguns italianos e brasileiros. Casas construídas em estilo alemão, comida germânica e outros fatores mantinham o sentimento de presença da velha pátria. Esses elementos contribuíam para perpetuar o sentimento de nação, já que os imigrantes construíram uma nova Alemanha nas terras catarinenses. De acordo com Enne (2001, p. 3) “Para se ter uma memória coletiva, é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória”. Klueger (2003) evoca a fala de diversos catarinenses que presenciaram e sofreram durante o período guerrilheiro, logo, a experiência do povo é relatada no romance, considerando as características históricas desta ficção.

Após a declaração da Guerra cresce o sentimento de combate no país germânico. O Estado brasileiro passa a proibir a língua alemã, tendo como objetivo a nacionalização e o acultramento dos imigrantes. Le Goff (1996, p. 426) aduz que



“tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. Os policiais começaram a vigiar o comportamento da população e passaram a impedir a comunicação na língua germânica. Somente em suas casas os imigrantes podiam se sentir mais seguros, mas temiam qualquer barulho ou presença estranha, pois a pena por falar alemão era a prisão. Essa experiência verídica é retratada na narrativa através dos *Sonne*, pois Klueger (2003, p. 32) descreve que:

Os militares que vinham do Norte não aceitavam a tradicional hospitalidade daquele povo pacífico. Não faziam amizades, não se interessavam em namorar as moças loiras da cidade, o que teria sido natural, sendo eles recém chegados e na sua grande maioria, solteiros, mas o que encheu de alívio inúmeros pais: misturar o sangue com aqueles estrangeiros e escuros homens não agradava nenhum alemão.

A miscigenação entra em destaque no texto quando *Guilherme*, filho de *Lucy*, se apaixona por uma brasileira. Esse romance não é aprovado pela mãe, pois esta acreditava que o filho sujaria seu sangue “puro” e trairia sua pátria germânica ao se envolver com uma cabocla brasileira. (KLUEGER, 2003). Através dessa passagem, a autora retrata o forte sentimento de Nação e a resistência alemã na tentativa de manter as famílias unidas pelo vínculo germânico. Destaca-se no imigrantes a busca por cristalizar a identidade, a memória e a exaltação do país de origem.

Já lhe disse por que. Cabocla, católica, outro sangue, outro tipo de gente. Se você começa a sair com ela, acaba namorando, acaba casando-se, e aí, então? Não, nem quero pensar! Um filho meu misturando-se com uma brasileira! Não, Guilherme, pode esquecer! Ela não serve para você. Você precisa de alguém de sua raça, da sua gente! Acha que seria feliz ao lado de uma mulher desse tipo? Não, não e não! (KLUEGER, 2003, p. 87).

Guilherme, que é o narrador-personagem da obra, passa a se esforçar cada vez mais para aprender o português, isto pelo fato da nacionalização da região, por namorar uma brasileira que somente falava a língua portuguesa e principalmente por trabalhar como comerciante, o que gerava mais riscos de apreensão policial. Nesse sentido, denota-se a necessidade de aprender a Língua Portuguesa, já que no solo catarinense, mesmo diante de muitos imigrantes alemães, a língua predominante era a nativa. Vale ressaltar que além dos germânicos, imigrantes de outros países da Europa se deslocaram



para a região sul do país e com essa multiplicidade de linguística, instituiu-se o português como língua de interação entre os vários povos.

A repressão da língua impõe aos germânicos um desaculturação, pois a língua é um dos meios de caracterização da imagem nacional. A mãe, *Lucy*, era irredutível no quesito patriotismo, ela não tinha interesse em falar o português e repreendia culturas que se distanciassem das que foram apreendidas em seu país. Já o pai, *Humberto*, tentava equilibrar as duas culturas lembrando sempre que eram filhos da nação brasileira, apesar de serem alemães de sangue e coração. O Brasil era sua terra, o lugar onde cresceram e prosperaram, mas a Alemanha era seus corações, suas origens. De acordo com Pollak (1992, p. 5):

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Em 1942, a Alemanha torna-se inimiga oficial do Brasil, e se torna expressamente proibido qualquer menção à língua alemã, escuta de rádios, leituras de livros ou posses de qualquer materialidade ligada à Alemanha de Hitler. A casa dos *Sonnes* é invadida por policiais a procura de objetos germânicos considerados propagandas nazistas, nos utensílios encontrados foram ateados fogo.

Lucy declara indignação pela atitude brasileira, toma isso como um fato de mau agradecimento, entretanto, depois do susto tomado, passa a abrir mão de seu orgulho e percebe a necessidade de aprender a Língua Portuguesa. Nesse contexto, observa-se a necessidade do não esquecimento das personagens, assim como o desejo de fazê-los esquecer da terra natal demonstrado pelos governantes brasileiros. Referente a essa passagem, Hall (1999, p. 3) corrobora: “ao mesmo tempo que um grupo quer esquecer, outros testemunharam acontecimentos e querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento, para que a memória continue sempre viva. É a luta pelo não esquecimento”. Klueger (2003, p. 111) retrata o descontentamento da personagem *Lucy*:

Não está certo isso de o Brasil se colocar contra nós!- Opinava ela. – O Brasil, que tanto recebeu da nossa gente, olhem, olhem só esta cidade, o progresso desta região! Se não fossem os alemães, isto aqui ainda seria puro mato, estaria cheio de bugres. Viemos, domamos a terra, a região se tornou



rica, e agora o Brasil nos declara inimigos! Inimigos uma ova! Tem é que agradecer por tudo o trabalho do nosso povo!

Depois que *Guilherme* entra para o exército, sua irmã *Emma* passa a atuar como negociante em seu lugar. Com isso, ao atender uma cliente no tempo das tangerinas de 1943, vai presa por falar alemão. *Emma* só é liberada por intermédio do pai e do avô, que além de afirmar a nacionalidade brasileira da moça, informaram que ela tinha familiares no exército do Brasil. A prisão da filha modifica ainda mais as convicções da matriarca da família:

Novamente Lucy Sonne sentiu-se amedrontada e, talvez pensando na sua própria segurança, ou mais provavelmente, na segurança dos filhos, capitulou e passou a querer aprender o português. Guilherme achava assaz estranho ver a mãe entremeando palavras portuguesas no seu alemão clássico, com jeito indiferente de quem não se sentia humilhada. (KLUEGER, 2003, p. 132).

A nacionalização do Vale do Rio Itajaí cada vez aumenta mais com a confirmação da guerra em agosto de 1942, e tendo o Brasil como inimigo da Alemanha, os filhos *Sonnes*, *Guilherme* e *Humberto-Gustav*, além de outros parentes, tinham que ficar a disposição do exército, podendo ser convocados a qualquer momento. Sabendo que seus filhos poderiam ir para a guerra e não voltar mais, *Lucy* resolve aceitar o namoro e o casamento de Guilherme com *Terezinha*, a brasileira. Percebe-se que mesmo tendo uma diversidade cultural com sujeitos híbridos² expostos às diferentes culturas, religiões e pátrias, o Estado-nação brasileiro tentava unificar os povos para afirmar uma identidade nacional. Segundo Hall (1999, p. 16), “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

Após ver seu filho mais velho e o genro partirem para a guerra, *Lucy Sonne* ameniza seu patriotismo para engrandecer seus sentimentos maternos, deseja ver seus filhos ao seu lado, saudáveis e seguros. Contudo, mesmo preocupada com o filho e o genro, a matriarca se entristecia em saber das derrotas alemãs, pois sabia que mais uma vez seu povo seria humilhado.

² Termo utilizado pelo teórico Homi K Bhabha para descrever o sujeito que não está completamente *descolado* de seu país de origem, como também não está completamente *ajustado* ao país onde vive. (BHABHA, 2007).



Lucy Sonne tapava os ouvidos com as mãos ao ouvir as notícias. Mesmo com o coração sangrando pelo filho e pelo genro que estavam na luta, ela sentia que ele sangrava um pouco mais ao saber que sua terra estava prestes a, mais uma vez, sofrer a humilhação da derrota. (KLUEGER, 2003, p. 149).

No tempo das tangerinas de 1945, Adolph Hitler comete suicídio, e no dia 8 daquele maio, nasce a filha de *Guilherme* e *Terezinha*, marcando o fim da guerra. O nascimento da filha de *Guilherme* aduz um despertar. A criança gerada da miscigenação de etnias diferentes provoca a mudança final em *Lucy*, pois esta deixa para trás o patriotismo obsessivo, e passa a valorizar mais a vida familiar. “Nunca esqueceria a terrível angústia provinda do medo de perder os filhos. A Alemanha passara a ser coisa do passado, ela agradeceria a Deus por estar no Brasil e ter todos os filhos à sua volta”. (KLUEGER, 2003, p. 153). Descreve-se assim, a moldagem da identidade nacional conforme os sentimentos de identificação cultural. O imigrante diaspórico passa a ter não mais uma identidade cristalizada, mas sim, uma múltipla identificação.

3. Considerações finais

A partir do estudo desenvolvido, pode-se afirmar que a memória e a identidade do indivíduo como ser social é moldada de acordo com as necessidades do Estado. Foi observada na obra analisada, diversas questões, como a imigração, o acultramento e principalmente, o contexto da Segunda Guerra Mundial. Constata-se que assim como a história política verossímil, o romance histórico de Klueger apresenta um contexto governamental que abala e molda os seus assujeitados. Nesse sentido é interessante destacar a importância da literatura catarinense, como forma de registrar a experiência dos filhos dessa terra.

Por meio da análise desenvolvida, objetivou-se sublinhar que a identidade e a memória são modificadas por contextos históricos-discursivos, e que essa manutenção é constantemente feita por meio dos diversos dispositivos que cercam a sociedade, de acordo com a política vigente. A partir do contexto perscrutado, denotou-se que todos os cidadãos estão expostos aos assujeitamentos discursivos, e que não se pode proteger-se dessas inferências contextuais. Mesmo os mais resistentes, como apresentado através da personagem *Lucy*, acabam por moldar-se conforme o direcionamento Estatal.



A autora dá visibilidade ao sentimento dos imigrantes ao registrar o que sofreram e quais as consequências herdadas através desse processo. Percebe-se que sempre haverá conflitos, mas também haverá *o tempo das tangerinas*, o tempo das renovações e modificações da vida, estas que podem trazer frutos amargos ou doces, dependendo do plantio das sementes e do direcionamento do Estado-nação.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1.

ENNE, Ana Lúcia Silva. **Memória e identidade social**. 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/53573075284415840946775448271246894263.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLUEGER, Urda Alice. **Verde Vale**. 5. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

KLUEGER, Urda Alice. **No tempo das tangerinas**. 9. ed. Blumenau: Hemisfério Sul, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

SACHET, Celestino. **Literatura catarinense**: liberdade para ser autor. **Travessia**, nº 25, 1992. Disponível em: <<file:///C:/Users/Maicon/Downloads/17038-52469-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SACHET, Celestino. **A literatura dos catarinenses**: espaços e caminhos de uma identidade. Palhoça: Ed. Unisul, 2012.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social. **Brasilis**: revista de história sem fronteiras, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 2003.

Recebido em: 31/08/15. Aprovado em: 22/10/15.

